



*& histórias*

# *Gênios do Piauí*

No interior piauiense, o professor **Antônio Cardoso do Amaral** levou seus alunos, nos últimos seis anos, à conquista de **121 premiações nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática**. O segredo do sucesso? **Esforço honesto e muito trabalho**

Por ROBERTO MUGGIATI



EFREM RIBEIRO

140 contigo!

Cocal dos Alves, na zona rural do Piauí, vive da castanha de caju. Nos últimos anos, ficou nacionalmente famosa por fazer contas: foi campeoníssima nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática. A cidadezinha não precisa fazer muitas contas para saber sua população — pouco mais de 5.600 habitantes. Em 2011, o país inteiro voltou sua atenção para esse remoto povoado, a apenas 3 graus ao sul do Equador. Primeiro em março, quando o cocalalvense Izael Francisco de Brito Araújo, 15 anos, foi o vencedor do concurso Soletorando no programa de TV *Caldeirão do Huck*. Depois, em junho, quando meninos e meninas de lá conquistaram 12 medalhas (quatro ouros, três pratas e cinco bronzes) nas

Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e foram receber seus prêmios das mãos da presidente Dilma Rousseff em uma noite de gala no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Izael também foi um dos medalhistas de bronze.

A maioria desses meninos mágicos da matemática estuda na Unidade Escolar Teotônio Ferreira Brandão, uma escola municipal, e, por trás de seu desempenho excepcional, está o professor Antônio Cardoso do Amaral, também nascido em Cocal dos Alves. O sucesso dos pupilos o levou a Brasília, onde falou no Senado, conferenciou com o ministro da Educação, Fernando Haddad, e prestou informações à assessoria de Dilma

O professor Antônio passa na sala de estudos da Unidade Escolar Teotônio Ferreira Brandão para ajudar aos alunos do nono ano que estavam se preparando para as avaliações escolares



Rousseff, que desejava comentar o assunto em seu programa de rádio, *Café com a Presidenta*. Antônio garantiu uma coisa: “Só dá certo porque os alunos querem aprender”.

Sua história pessoal reflete o espírito de superação que marca a vida de muitas populações carentes pelo Brasil afora. Nascido em 19 de dezembro de 1979, na comunidade de Goiabeira, no município de Cocal dos Alves, ele relata seus primeiros tempos: “Meus pais eram agricultores e analfabetos. Aos 6 anos de idade, um ano depois do nascimento de meu único irmão, João, migramos para a cidade vizinha, onde meu pai conseguiu um trabalho de serralheiro em uma fábrica de móveis. Aos 7, entrei para a escola iniciando o que se chamava ‘primeiro ano fraco’. Fui até a terceira série do ensino fundamental, quando, com problemas de saúde e familiares (*a separação dos pais*), acabei me reprovando. No ano seguinte, comecei a repetência, mas uma greve generalizada me fez perder novamente o ano”.

Em seguida, Antônio se mudou para uma escola municipal em que passou a valorizar os estudos. “Brigava pelas melhores notas. O bom rendimento e um forte apoio da tia e madrinha, dona Umbelina, me renderam uma bolsa na melhor escola de primeiro grau da cidade, onde estudei todo o ginásio com a responsabilidade

“Não me considero entre os melhores. O que faço é me esforçar para apresentar a matemática como ela é, sem fazer rodeios”

Antônio com a mulher, Elizete, e os filhos gêmeos, Sávio e Saulo, de 9 anos



de não ficar abaixo da média para não perder a bolsa. Já para cursar o ensino médio precisei ir morar com meu pai, que tinha formado outra família na cidade vizinha, Piracuruca. Lá, de volta à escola pública, não tive a devida cobrança e era aprovado com facilidade.”

Na época, ele não via o ensino como seu futuro e alimentava as ilusões típicas de quase todo garoto brasileiro: queria ser jogador de futebol. “Era o rei das peladas e achava que um dia, por meio do futebol, iria ajudar muitas pessoas, principalmente as do bairro em que eu morava em Cocal, o Mutirão. Como jogador famoso eu criaria fundações que acolheriam as pessoas carentes, sem nenhuma chance na vida. Só tirei aquilo da cabeça quando me mudei para Piracuruca e vi que havia garotos muito melhores no futebol do que eu. Éramos muito pobres. Na copa de 94, na minha casa ainda não tinha televisão. Eu assisti aos jogos na casa de um colega de escola. Ele era muito inteligente, sempre estudávamos juntos para as provas e nos dávamos muito bem. Estudamos na mesma sala até a oitava série, quando ele morreu de meningite. Foi uma grande perda para mim.”

#### FAZER ALGO PELAS PESSOAS

Só no final do ensino médio é que Antônio se apaixonou pela educação e percebeu que, por meio dela, poderia fazer algo pelas pessoas. “Mesmo com pouco conteúdo, mas com muita disposição, consegui em 2001 ingressar no curso de matemática da Universidade Estadual do Piauí, em Parnaíba, na primeira e única vez que prestei o vestibular. Não fiz um grande curso, já que era um curso que acontecia no período de férias e feito quase que exclusivamente para certificar professores leigos, o que não oferecia tantas dificuldades para fazer as disciplinas.”

Mas as coisas não foram tão simples quanto Antônio as pinta. Houve ocasiões – durante os fins de semana, quando não havia transporte público – em que ele percorria de bicicleta os 35 quilômetros que separam Cocal e Parnaíba.

O amor também surgiu em sua vida não mais que de repente. Com memória de matemático, Antônio lembra o romance com Elizete, quando ele tinha 18 e ela 17 anos. “Começamos a namorar no dia 25 de dezembro de 1997. Ela engravidou em 2001, começamos a morar juntos em agosto de 2002, nos casamos no dia 9 de janeiro de 2007 e no religioso em 9 de dezembro de 2010.”

Os filhos, gêmeos, Sávio e Saulo, nasceram em 16 de maio de 2002. Antônio começou a

trabalhar em Cocal dos Alves no “primário” pelo município e no “ginásio” pelo estado. Elizete entrou para a universidade, formou-se em pedagogia e hoje é a diretora da Teotônio Ferreira Brandão, o celeiro dos meninos matemáticos treinados pelo marido.

#### “COCAL DOS ALVES BY NIGHT”

E o lazer em Cocal dos Alves? Antônio diz que a falta do que fazer na cidade foi um importante fator para congregação, nas escolas, a garotada com tanta garra de aprender e vencer na vida. Mas ele garante que existem barzinhos legais na cidade e, nos fins de semana, até chega a se delinear um “Cocal dos Alves by night...” A TV também ajuda a relaxar e o professor – flamenguista roxo – costuma zapear pela programação esportiva.

O futebol pode ter servido de inspiração a seu trabalho de equipe e à preparação do supertime de matemáticos. “Quando entrei na universidade e comecei a lecionar, tomei muito gosto pela coisa. Talvez porque sempre me envolvia muito no que fazia. Nas equipes em que jogava era sempre o capitão, muito dedicado. O maior prêmio disso tudo é ver meus ex-alunos bem formados e com uma história para contar. Não fosse o apoio que receberam, dificilmente chegariam às grandes universidades em que estão. E acredito que muitos deles farão a mesma coisa com outras pessoas e assim muitas vidas terão um destino feliz ou, pelo menos, mais feliz.”

Com rara modéstia, Antônio diz: “Não me considero entre os melhores. O que faço é me esforçar para apresentar a matemática como ela é, sem fazer rodeios e sem jogar com fórmulas rígidas para resolver os problemas, mas sim dar uma ferramenta para os alunos descobrirem por si sós, pois assim fica mais significativo para eles. Nunca dou uma fórmula pronta. Eu volto lá na história, resolvo do jeito difícil, mostro o caminho penoso, mostro como alguém saiu dali para um caminho que tornou mais fácil resolver tal questão”.

Sua receita de ensino e de vida, ele define com as palavras do grande matemático brasileiro Elon Lages Lima, que completou 82 anos em 9 de julho: “Não há fórmulas mágicas para ensinar matemática. Não há caminhos reais, como Euclides já dizia a Ptolomeu. A única saída é o esforço honesto e o trabalho persistente. Não só para aprender matemática, mas para tudo na vida”.

[paulo.cabral@abril.com.br](mailto:paulo.cabral@abril.com.br)



FOTOS: EFREM RIBEIRO